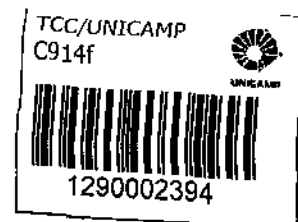


Camila Tenório Cunha

# FOLCLORE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Campinas  
1995



# FOLCLORE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA

**Camila Tenório Cunha**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Educação Física da  
UNICAMP, como requisito para  
obtenção do título de graduado  
no curso de Licenciatura em  
Educação Física.

**Orientadora: Carmem Lúcia Soares**

Tão pequeno  
Aquele menino...  
Que trabalhava,  
Trabalhava e observava  
O complexo mundo,  
Que de maneira tão mágica,  
Crescia e pulsava.  
Senso de justiça e inteligência  
Foram suas características,  
Que nas estradas da vida  
Até a eternidade o seguiria.  
Menino...  
Amou tanto suas raízes,  
Enriqueceu nossa sociologia,  
Amou tanto todas as Vidas!  
...Tantos bons artigos nos jornais  
Aprontava aquele menino!  
Obrigada pelos livros!  
Revejo com muito orgulho  
Meu voto para deputado Federal...  
Pela política consciente:  
Um agradecimento Universal!  
Poesia em forma de ação,  
Pequeno e Grande do Brasil,  
Florestan Fernandes,  
Com carinho: muito obrigada!

Camila Tenório Cunha - 18/08/95

## **SUMÁRIO**

|                                                                                                     |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>                                                                            | <b>5</b>  |
| <b>“UMA ESCOLA LÁ”-PRIMEIRA PARTE.....</b>                                                          | <b>6</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                             | <b>7</b>  |
| <b>HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA: FOLCLORE, SEMPRE SE<br/>TRANSFORMANDO! .....</b>                      | <b>8</b>  |
| <b>O SACI: FOLCLORE, CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSA... </b>                                     | <b>12</b> |
| <b>REINAÇÕES DE NARIZINHO: A CULTURA INFANTIL -<br/>FLORESTAN FERNANDES E MONTEIRO LOBATO .....</b> | <b>17</b> |
| <b>“UMA ESCOLA LÁ” - SEGUNDA PARTE .....</b>                                                        | <b>23</b> |
| <b>ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E FOLCLORE.....</b>                                                      | <b>24</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                                                                            | <b>29</b> |

## Apresentação

Quando era criança meus avós moravam no “centro” de uma cidadezinha do interior paulista chamada Monteiro Lobato. Lá desmontei muitas arapucas, soltei pipas, ralei os joelhos diversas vezes com o carrinho de rolimã, briguei muito com meninos de “estilingue”(ou “bodoque”) para não matarem passarinhos e nos dias de festa da cidade fugi do Pererão, do Pereirinha e da Maria Pereira! Quando ouvíamos as batidas dos tambores ao longe já sabíamos: o Pererão vem aí!...E brincávamos de fugir das suas braçadas gigantes até cansar...

Morei e estudei em São José dos Campos, uma cidade do Vale do Paraíba. Lembro-me que certa vez o meu colégio foi comemorar o Folclore em Taubaté, lá no sítio de Monteiro Lobato, o escritor. O dia do Folclore neste meu colégio, principalmente no primário, nunca passou em branco... lembro-me que a professora pedia para que perguntássemos aos pais e avós sobre crendices, provérbios...

...Então cresci rodeada desta palavra que hoje em dia é confundida com cultura popular e até mesmo cultura de massa! Palavra que tem sido usada para tudo...tudo virou Folclore...Afinal, sabemos de fato o seu significado?

## “Uma escola Lá”-Primeira Parte

A professora daquela “Escola Lá”, aquela escola que nunca esquece as datas...Pois bem, ela não se esqueceu do dia do Folclore e assim que começou a aula avisou aos seus “aluninhos” que teriam “pintura” naquele dia.

Foi um “ooobaaa” geral, a classe B da primeira série da “Escola Lá” pegou fogo! Então a professora avisou que quem fizesse bagunça não pintaria e explicou que a pintura era para comemorar o dia do Folclore, tratava-se da figura de uma personagem folclórica.

Zezinho, o primeiro a gritar “oba”, ficou bem quieto, feliz porque finalmente parariam algum momento de copiar do quadro negro e usariam aquelas cores, dentro da caixinha de lápis, sempre tão bem guardadas! Mas afinal, o que seria Folclore? Ah... provavelmente mais tarde a “tia” explicaria e contaria junto a história da “figura” que iriam pintar...Ficou “quieto” e feliz a aula inteira esperando o momento da “pintura”.

Entretanto a professora estava muito atrasada com as lições da cartilha, ainda faltava a lição do “Sapo” inteirinha! Logo, pensou a “tia”, não era bom perder muito tempo para falar de “velharia”, então daria a “pintura” enquanto corrigia as “avaliações” de matemática.

Que decepção para Zezinho! Agüentara o dia tão “comportado” e a pintura era um Saci mimiografado sem direito à história! Depois penduraram as “pinturas” e estava comemorado o dia do Folclore.

Será?

Fim da Primeira parte.

## **Introdução**

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre os principais aspectos daquilo que vem a ser Folclore, seus valores e sua importância na Escola, principalmente numa escola democrática, popular e dentro desta uma Educação Física que se utilize também do jogo e da dança para abraçar esses valores.

Este é um trabalho de cunho bibliográfico sendo consultados livros que ajudassem a compreender Folclore, Escola e Educação Física.

O primeiro capítulo deste trabalho vem justamente trazer a definição do folclore e seu aspecto dinâmico. O segundo capítulo traz uma modesta diferenciação entre Folclore, cultura de massa e cultura popular, também o início da análise sobre a importância de uma escola aberta ao Folclore e à cultura popular. O terceiro capítulo analisa as brincadeiras infantis dentro da visão sociológica de Florestan Fernandes e à título de ilustração compara sua pesquisa com a obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato, trazendo também os principais aspectos e valores presentes dentro da “cultura infantil”. O último capítulo vem, finalmente, discutir a questão escolar, uma escola popular e democrática, sua importância e como o folclore entraria nesta escola. Discute também uma proposta para a Educação Física, cujo papel seria tão importante quanto das demais disciplinas.

### **Histórias de Tia Nastácia: Folclore, sempre se transformando!**

...A bonequinha, muito faceira, repete ao Pedrinho a explicação de Dona Benta sobre o significado da palavra Folclore:

*(...) "-Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos - os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?(...) "*<sup>1</sup>

Ele perguntara porque estava com a mirabolante idéia de ouvir histórias da Tia Nastácia, para assim começar mais uma história, cheia de histórias, da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato.

Tia Natácia conta histórias que provavelmente aprendeu com os pais, ou a avó, ou vizinhos e conhecidos... O "autor" de cada história é alguém anônimo, que ficou desconhecido e esquecido no decorrer da História. Carlos Rodrigues Brandão nos lembra que o povo, "as classes subalternas", também possuem seus intelectuais<sup>2</sup>. São eles que "criam", sem direitos autorais, a riqueza dessa classe. "Criam" coisas diversas vezes não aceitas e ignoradas pela "cultura letrada", daqueles que dominam economicamente a sociedade. Por isso Antônio Gramsci observa que o folclore deveria ser estudado:

<sup>1</sup> M. LOBATO-"Histórias de Tia Nastácia"-p.3

<sup>2</sup> C.R.BRANDÃO-"O que é Folclore"-p.101

(...) "*como concepção do mundo e da vida, em grande medida implícita, determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo oficiais (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas) que se sucederam no desenvolvimento histórico. (Daí a estreita relação entre folclore e senso comum, que é folclore filosófico).*" <sup>3</sup>

Então, por isso o folclore é sempre algo transmitido de "*pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de uma geração a outra*" <sup>4</sup>. E isso pode ocorrer de diversas maneiras: quando alguém aprende a fazer um cesto de vime com a mãe, que por sua vez aprendera com a tia; quando uma criança aprende a fazer uma "pipa" ou "papagaio" com o vizinho da mesma idade; fulano ouve uma história da avó e transmite ao filho; quando beltrano aprende uma dança e música imitando as pessoas da região onde nasceu...

...Assim Tia Nastácia contou as histórias que ouviu, e, quem ouviu vai contá-las sempre adiante. Segundo Carlos Rodrigues Brandão o folclore é transmitido muito diretamente e (...) "*sem a organização de situações formais e eruditas de ensino-aprendizagem*" <sup>5</sup>. É (...) "*um instante fugaz da vida dos homens e de suas sociedades através da cultura*" <sup>6</sup>. Por isso se transforma, não é estático apesar de ser "tradicional". O autor afirma ainda o quanto é ingênuo querer que grupos rituais do nosso folclore sejam protegidos da influência erudita <sup>7</sup>. Diz o ditado popular que *quem conta um conto acrescenta um ponto*.

<sup>3</sup> A. GRAMSCI- "Literatura e Vida Nacional"-p.184

<sup>4</sup> C. R. BRANDÃO- Op. cit.-p.45

<sup>5</sup> Idem - ibidem - p.46

<sup>6</sup> Idem - ibidem - p.87

<sup>7</sup> Idem - ibidem - p.70

Carlos Rodrigues Brandão discorre em sua obra sobre a constante influência do folclore nas classes dominantes (detentoras da cultura oficial) e o inverso, a influência das coisas eruditas que se “folclorizam”. O tempo inteiro na história o folclore se transforma, flutua de uma classe a outra, ora faz parte da cultura popular, ora está no meio erudito. Ora é aprendido por imitação, ora está nas Academias... Um bom exemplo seria o Samba, que outrora era aprendido por imitação, fazendo parte da cultura de um grupo, e, hoje é aprendido com “técnica” em aulas de Dança de Salão, embora ainda hoje nos morros do Rio de Janeiro as criancinhas já tenham o “Samba no pé”. A história da Folia de Reis, que foi sucessivamente: dança profana popular, tornada erudita, depois um ritual devoto de camponeses brasileiros <sup>8</sup>. Tudo isso porque estamos falando de seres humanos, e, o Folclore está sempre dentro de uma cultura, sofrendo processos, não é algo “puro”.

A respeito da dança, Paulina Ossana afirma que ocorre um processo de intercâmbio entre o balé e a dança folclórica <sup>9</sup>. E este constante intercâmbio entre o popular e o erudito é analisado por Carlos Rodrigues Brandão:

*(...) "A cultura erudita produz partes (idéias, crenças, saberes, artes, tecnologias, artefatos) que se tornam populares, que se folclorizam. O popular, que alguns séculos antes terá fração de uma restrita cultura de intelectuais, de novo torna-se erudito, restrito, próprio às classes dominantes." <sup>10</sup>*

Temos aqui um ponto inicial para que possamos refletir e entender Folclore: ele é algo aprendido oralmente ou por imitação, mas se transforma, flutua entre as classes e por isso precisa ser visto dentro de um contexto sócio-cultural, nunca de maneira isolada! A receita de remédios caseiros dos muitos Tios Barnabés que ainda povoam o Brasil: é folclore. Aqueles provérbios sempre repetidos e ouvidos: é

<sup>8</sup> *Idem - ibidem - p.75*

<sup>9</sup> P. Ossana. “Educação Pela Dança” p.72

<sup>10</sup> C. R. BRANDÃO- Op. cit.-p.74

folclore. A brincadeira de rua que ninguém sabe quem inventou, que foi aprendida no brincar com outras crianças: é folclore.

Enfim, quando atitudes aprendidas de maneira não oficial, por imitação ou oralmente, estão repletas de significados e sentidos para uma determinada cultura popular, as pessoas reproduzem com “gosto”, fazendo parte da vida: ocorre Folclore.

### O SACI: Folclore, cultura popular e cultura de massa

...Somente os grilos, rãs, corujas e sapos quebravam o silêncio imposto pelos mistérios da mata. Mistérios que pouco a pouco o Saci desvendava ao Pedrinho, um menino da cidade que se viu, de modo apaixonante, mergulhado nos mistérios das matas brasileiras, cheias de lendas e imagens. Figuras como a mula-sem-cabeça, o lobisomem...eram apresentadas aos olhinhos escondidos e assustados de Pedrinho. Seu amigo, o Saci, contava suas histórias e ensinava ao pequeno como se proteger de tais personagens.

Quantas crianças, ao redor de fogueiras, não tão próximas das personagens quanto Pedrinho, não arregalaram os olhos diante destas imagens?

Diversas vezes, quando “alguém” assiste a algum programa ecológico e ouve algum morador entrevistado relatar a lenda de algum animal, por exemplo o boto cor-de-rosa, este “alguém” fica admirado com o fato de ainda existir tais lendas. Isso acontece quando este “alguém” se esquece de interligar a imagem do morador entrevistado ao seu mundo sócio-cultural, quando se esquece que o mesmo Brasil de parabólicas é o Brasil sem luz elétrica. Por isso, para quem nasceu em ambiente urbano, trabalha há anos doze horas por dia e assiste quatro horas de televisão, a “sobrevivência” de uma lenda possa parecer algo estranho, porém quando se analisa o contexto de quem conta a lenda, tudo aparece dentro de um quadro normal.

O ser humano tem, em todo lugar, a mesma necessidade de imagens, de distrações...e em um momento elas são perseguidas através do “papo”, do contar de lendas ou mitos da história em volta de uma fogueira, em outro momento no paralisar hipnótico proporcionado pela televisão. Segundo Ciro Marcondes Filho:

(...) *"Assistir à televisão é um hábito ligado a fatos muito antigos na história das sociedades humanas. Tem a ver com a experiência do homem de olhar objetos, cenas, a natureza e buscar por meio disso algum tipo de reposta, satisfação, distração, conhecimento."*<sup>11</sup>

Sendo assim, constata-se, sem assombros, porque no mesmo país temos lendas de Curupiras, sacis... falta de luz elétrica, fascínio pelo mágico... em contraposição com as novelas, alto gasto de luz elétrica, e, novamente fascínio pelo mágico!

Ciro Marcondes Filho observa que as novelas hoje em dia participam da "realidade" das pessoas, enquanto as notícias, diversas vezes passadas de maneira sensacionalista, são recebidas com o impacto de uma ficção <sup>12</sup>. Talvez a principal diferença do "mundo fascinante" das fogueiras para o "fascinante mundo" das telinhas, esteja no fato da fogueira permitir ao indivíduo que escuta sua história uma reflexão, com tranquilidade. O mesmo autor analisa a questão do "tempo" com relação ao mundo da televisão:

(...) *"O tempo na telenovela ganha total liberdade, desenvolvendo-se de forma mais ou menos arbitrária, segundo índices de recepção, interesses da emissora e fatores absolutamente alheios a própria narrativa. (...) Dessa forma, o tipo especial de marcação de tempo pela Tevé sobrepõe-se à marcação clássica do relógio e das paradas necessárias do calendário, que são os dias de guarda e os rituais da cultura (...). Ela é o relógio da sociedade"* <sup>13</sup>

<sup>11</sup> C.M.FILHO - "Televisão" p.8

<sup>12</sup> C.M.FILHO - Op.cit - p.41 a 48

<sup>13</sup> Idem- ibidem - p.83

O tempo das histórias de fogueiras era regido pela lua, estrelas, o começo e o final das lendas ou da própria fogueira. Quando esta queimava o indivíduo caminhava para a casa refletindo sobre a história ouvida. As crianças no dia seguinte brincariam e comentariam sobre as coisas que ouviram.

Todas as narrativas da literatura também têm um começo e um final que não se modificam de acordo com os índices de audiência. No vasto Brasil ainda há muitas regiões cujas pessoas vivem como no filme “A Marvada Carne”, que se passa em uma vila, regida pelas superstições, crendices, mitos, lendas e rituais dos moradores daquele meio rural <sup>14</sup>.

Quando Florestan Fernandes reflete sobre o Folclore Paulistano, lembra o quanto este foi importante para adaptar o homem rural ao mundo e ritmo urbanos:

*(...) “a sobrevivência (mesmo que fosse transitória) de elementos da cultura tradicional possui inegável importância adaptativa. Ela não é mera fonte de ilusões de segurança e de ficções capazes de isolar o homem das forças produtivas do ambiente. Ao contrário, dão-lhe maior equilíbrio e serenidade, na medida em que inserem e preservam no ambiente tumultuoso da cidade, algo que dá amparo emocional e moral a sua personalidade”* <sup>15</sup>

Carlos Rodrigues Brandão observa que o folclore hoje no Brasil é o que *“livra o povo de ser, criar e pensar totalmente de acordo com o padrão globo de qualidade”* <sup>16</sup>. Mas para entendermos onde se encontra o Folclore numa sociedade tão influenciada por este veículo de cultura de massa, a televisão, é preciso encaixá-lo dentro da cultura popular e para isso, entendermos o que é cultura popular.

O que foi compreendido da diferenciação explicada pelo autor entre folclore, cultura popular e cultura de massa, pode-se exemplificar assim: quando uma música

<sup>14</sup> Filme dirigido por André Klotzel

<sup>15</sup> F. FERNANDES - “Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo” - p.29-30

<sup>16</sup> C.R.BRANDÃO - Op. cit. - p.102

do folclore de alguma região é incorporada ao repertório de algum cantor de música popular brasileira, mesmo de autoria “anônima” ela passa a fazer parte da cultura popular. Se ela for usada com a voz do cantor, na “abertura” de alguma novela ou programa de muita audiência, ela passará a fazer parte da cultura de massa. Entretanto, lá na região onde o cantor ouviu a música, da maneira e no contexto em que ela foi ouvida, por aquela determinada fração da sociedade: ela continua a ser Folclore.

Isso porque para aquelas pessoas a música tem um significado, dentro de determinado contexto, preservado pela tradição popular local. Está incorporada ao modo de vida e ao repertório coletivo daquela população, tem ali, ainda, um significado.

É preciso dizer “ainda” porque o folclore, segundo o autor, existe existente, em processo”<sup>17</sup>. Tudo está dentro do que é chamado “Cultura”, folclore pode estar dentro de cultura popular, dependendo do contexto, principalmente se entendermos “Cultura” como:

*(...) “aquilo que constitui um campo de símbolos, de valores e de comportamentos diferenciados no interior da sociedade, diferença produzida seja pela divisão social das classes, seja pela pluralidade dos grupos e movimentos sociais.”*<sup>18</sup>

A televisão hoje faz parte da vida brasileira, porém algo que traz ginga própria, criatividade, bom humor, ritmo e magia ainda vive. Algo que está presente no arroz-com-feijão, na feijoada de domingo, nos mitos, na música, nas crendices, nos provérbios do povo brasileiro... algo que oferece um “tempo” ainda distante do “tempo” da telinha.

---

<sup>17</sup> *Idem- ibidem* - p.48

<sup>18</sup> M.CHAUÍ - “Cultuar ou Cultivar” - p.52

Sobre o “tempo” da telinha Ciro Marcondes Filho analisa o fato dela suprimir o *“pensar sobre as coisas em oposição à afirmação de uma outra prática, que é a do pensar com as coisas”* <sup>19</sup>.

Talvez, por isso, seja hora da escola deixar entrar aquele “algo” da vida do brasileiro que sempre ficou lá fora... Se a escola for baiana quem sabe convidar alguns mitos, como aqueles dos quilombos, que os avós contam e a história da escola se esquece. Agora, talvez mais do que antes, é preciso deixar na escola aquilo que, em geral, esteja ao seu redor: os jogos locais, as danças, as lendas, os mitos... Coisas que sempre ficaram para fora dos muros escolares, e, que somente uma vez ou outra entravam: ora nas brincadeiras infantis no recreio; ora na conversa sobre receitas de avós da cozeira com a professora; ora nos provérbios repetidos entre os professores nos intervalos; na receita de remédio com ervas que o porteiro ensina à diretora para enxaqueca...Assim, clandestinamente, o Folclore penetra despercebido na escola, quando deveria estar lá convidado, porque afinal: *“Folclore, em mundos de colonizadores e colonizados eternos e internos, é a vida e a expressão da vida do colonizado”* <sup>20</sup>

Tudo isso porque, ainda com relação à escola: *“É falso pretender que a educação trabalhe o corpo e a inteligência de sujeitos soltos, desancorados de seu contexto social”* <sup>21</sup>

Logo, fora da vida e do “tempo” da televisão ainda existe um “tempo” social, econômico, político e cultural que faz as pessoas viverem em sociedade, lembrar “quem somos”, nossa história, dança ritual...um contexto social real que não deve ser sufocado...

<sup>19</sup> C.M.FILHO - op. cit. - p.83

<sup>20</sup> C.R.BRANDÃO - Op. cit. - p.104

<sup>21</sup> C. R. BRANDÃO- “O que é Educação”- p.71

**Reinações de Narizinho: A Cultura Infantil - Florestan Fernandes e Monteiro Lobato**

*"Veio a boneca. O doutor escolheu uma pilula falante e pôs-lhe na boca.*

*- Engula duma vez! - disse Narizinho, ensinado à Emília como se engole pilula. E não faça tanta careta que arrebeta o outro olho. Emília engoliu a pilula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante".*<sup>22</sup>

...Então a pequena Emília falou durante toda a obra de Monteiro Lobato para crianças. Muitos "adultos" criticam e detestam esta figurinha de pano presente e marcante nas principais histórias do autor. Afinal, o que é a Emília senão uma boneca de pano feita de retalhos, e, como sempre afirmou Tia Nastácia: "retalhos ordinários". Na obra infanto-juvenil a boneca é o símbolo da "cultura infantil" da época de Monteiro Lobato, como se cada história fosse uma grande brincadeira ("reinação"). O autor simboliza a cultura erudita na personagem D.Benta, a popular e folclórica em personagens como Tia Nastácia, o Saci... Mas a Emília, como símbolo da cultura infantil, está presente todo tempo.

Segundo Florestan Fernandes as crianças elaboram grande parte dos elementos do seu patrimônio cultural, muitas vezes fornecidos pela vida interativa com os adultos. Essas brincadeiras logo adquirem traços folclóricos, tornam-se tradicionais e se cristalizam. O autor nos oferece exemplos de brincadeiras como "Papai e mamãe", "Banqueiro", "Polícia"... que adiante ele faz questão de realçar que o que a criança quer é *"exercitar um folguedo que ela aprendeu em contato com seus companheiros"*<sup>23</sup>. Sobre este aspecto Alexis N. Leontiev ainda afirma

<sup>22</sup> M.LOBATO - "Reinações de Narizinho" - p.27

<sup>23</sup> F.FERNANDES - "Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo" - p.173

que: *“Uma criança que domina o mundo que a cerca é a criança que se esforça para agir neste mundo”* <sup>24</sup>.

Visto que Monteiro Lobato escreveu sua obra infanto-juvenil em época próxima aos estudos de Florestan Fernandes, pode-se relacionar, sem receio, a arte literária com o estudo sociológico. Assim, ilustra-se o significado de “cultura infantil” com a apreciação da arte nas figuras de Emília, Narizinho, Pedrinho e outras personagens desta “trocinha”.

Mas afinal, o que vem a ser “cultura infantil”? Para Florestan Fernandes é uma cultura constituída de elementos culturais, lúdicos, que em geral vieram do Folclore e passaram remotamente aos grupos infantis. A diferença de “folclore infantil” e “cultura infantil” para o autor também é pequena, só que “cultura infantil” é mais abrangente porque a ela se incorporam elementos como o “futebol”, ou seja, não folclóricos. Por que muitos elementos da “cultura infantil” vieram do Folclore? Porque muitas vezes vêm da cultura do adulto, inclusive do folclore, e, são incorporados à cultura infantil *“por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo”* <sup>25</sup>. É preciso ficar claro que o termo “cultura infantil” não nega, mas engloba, o termo “folclore infantil”, presente dentro dela. No termo “cultura infantil” temos elementos recentemente incorporados e outros tradicionais, cristalizados há muito, ou seja, tornados “folclóricos”.

Assim, todas as brincadeiras carregam consigo os valores presentes na sociedade, os papéis representados pelas crianças seguem diretrizes: quem for a “mamãe” na brincadeira saberá exatamente como agir. Florestan Fernandes fez sua pesquisa nas ruas de São Paulo, em diversos bairros, com crianças do início da década de 40, verificando seus jogos, rodas, cantigas... Tempos antes, Monteiro Lobato iniciou sua obra, só que não tempo suficiente para que o “folclore infantil” da época se modificasse. Segundo Florestan Fernandes sobre as brincadeiras dos grupos infantis:

<sup>24</sup> . A.N.LEONTIEV - “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem”- p.120

<sup>25</sup> .F.FERNANDES - op. cit. - p.171-172

*“Percebe-se, logo, que os grupos infantis se apresentam como verdadeiros grupos de iniciação, introduzindo as imagens no sistema de valores da sociedade, isto é, iniciando-os na vida social. Mas trata-se de uma introdução experimentada, estruturada sobre a própria vida interativa das crianças em contato íntimo com as representações sociais do meio.”* <sup>26</sup>

Recorremos agora a mais um trecho de Monteiro Lobato, num diálogo de Narizinho e sua avó Dona Benta sobre o noivado da Emília, então Condessa Três Estrelinhas, com o Marquês de Rabicó:

*(...) “-Este noivado está me acabando com a vida, vovó. Todas as noites tenho de fazer sala para os noivos. Como isto cansa!...*

*-Mas que é que está faltando para o casamento, menina?*

*-Os doces, vovó...*

*-Já sei. Já sei. Pois tome lá estes níqueis e mande vir os doces.”* <sup>27</sup>

Quando Florestan Fernandes fez seu estudo sobre folguedos, em 1941, ele se colocou várias vezes defronte a brincadeira de “casinha” e sobre ela escreveu em sua obra:

*“De modo geral, verificamos que, nesses casos, o folguedo põe a criança em contato com os valores e as instituições da comunidade. É claro que simbolicamente.”* <sup>28</sup>

<sup>26</sup> F.FERNANDES - op. cit. - p.187-188

<sup>27</sup> M.LOBATO - “Reinações de Narizinho”- p.91

<sup>28</sup> F.FERNANDES - op. cit. - p.177

O autor observa que a brincadeira segue todos os rituais, de trabalho e de festas, presentes na vida da “gente grande”. Sobre as festas ele lembra ainda do seu valor social, é a coletividade comemorando dias importantes <sup>29</sup>. Por isso nas brincadeiras de “casinha” não acontece apenas coisas do cotidiano: a mãe arrumando a casa e o pai indo ao trabalho, mas também festas: de batizado, noivado... Segundo o autor estas festas seguem os rituais da Igreja Católica, muito forte e presente na sociedade brasileira na época em que os estudos foram realizados. Ele observa ainda como “(...) *os grupos infantis são verdadeiros grupos de iniciação à cultura vigente*” <sup>30</sup>. Interessante também observar como as brincadeiras seguem uma seqüência: noivado, casamento, batizado... Neste aspecto Alexis N. Leontiev observa que nas brincadeiras o “*conteúdo e a seqüência da ação devem, obrigatoriamente, corresponder à situação real*” <sup>31</sup>.

Seguimos com Monteiro Lobato, chegou o momento tão esperado do casamento da Emília com Rabicó:

*“Chegou a hora. Vieram vindo os noivos. Emília, de vestido branco e véu; Rabicó, de cartola e faixa de seda em torno do pescoço. Vinha muito sério, mas assim que se aproximou da mesa e sentiu o cheiro das cocadas, ficou de água na boca, assanhadíssimo. Não viu mais nada. Logo depois veio o padre e casou-os”* <sup>32</sup>

Florestan Fernandes analisa o quanto os elementos da cultura infantil colocam a criança em contato com os valores da “cultura brasileira”. Como no folclore do adulto na cultura infantil a cor branca evoca o casamento. A esse respeito o autor cita ainda a seguinte composição que encontrou em suas pesquisas:

<sup>29</sup> *Idem-Ibidem* - p.178-179

<sup>30</sup> *Idem-Ibidem* - p.188

<sup>31</sup> A.N.LEONTIEV - op. cit.- p.126

<sup>32</sup> M.LOBATO - op.cit.- p.9

*“Cravo Branco na janela  
É sinal de casamento,  
Menina tira esse cravo  
Que ainda não é seu tempo”*<sup>33</sup>

Nas reações da menina Lúcia vamos encontrar ainda a bonequinha, muito brava com Tia Nastácia, dizendo num diálogo com sua dona: *“Não é à-toa que ela é preta como carvão”*<sup>34</sup>. Por isso muitas pessoas acusaram a boneca de racista, sem analisarem se este valor estava presente ou não na sociedade da época que os autores, Monteiro Lobato e Florestan Fernandes, fizeram seus trabalhos. A Emília, como símbolo da “cultura infantil”, apenas mostrava ao mundo esses valores, de forma autêntica e sincera como as crianças geralmente o fazem. Seria “tapar o sol com a peneira” negar o racismo na sociedade brasileira, ainda mais naquela época. Florestan Fernandes, sobre os traços da cultura infantil reflete:

*“Os traços adquiridos são, geralmente, idéias e representações elaboradas na própria sociedade, tendo correspondência, portanto, com a vida social das pessoas adultas”*<sup>35</sup>

Sendo assim, no grande retrato da cultura infantil da época, Monteiro Lobato traz em sua obra o rabisco dos valores dessa mesma época. Emília, a boneca “danada”, ao mesmo tempo que é conservadora, é “asneirenta” e proporciona o questionamento dos próprios valores que simboliza. Como as brincadeiras da cultura infantil são conservadoras, entretanto, proporcionam um contato da criança com o mundo que a cerca, de maneira divertida e aberta a questionamentos.

Narizinho gostava das “asneirices” da boneca Emília porque:

<sup>33</sup> F.FERNANDES - op. cit. - p.181

<sup>34</sup> M.LOBATO - op.cit.- p.209

<sup>35</sup> F. FERNANDES- op.cit.- p.176

*“As idéias de vovó e Tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as advinha antes que elas abram a boca. As idéias de Emília não de ser sempre novidades”*<sup>36</sup>

...Assim são as brincadeiras da cultura infantil, retratam os valores que cercam as crianças para delas se tornarem conhecidas, seguem certas atitudes de tradição, mas por ser brincadeira pode ser “asneirada”, questionada. Sobre o brinquedo Gorki se refere como sendo: *“o caminho pelo qual as crianças compreendem o mundo em que vivem e que serão chamadas a mudar”*<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> M. LOBATO - op. cit. - p.29

<sup>37</sup> GORKI - A. N. LEONTIEV - op. cit. - p.130

### **“Uma Escola Lá” - Segunda Parte**

O tempo passou. Zezinho estava agora na segunda série do primeiro grau. Estava irradiando felicidade com os acontecimentos escolares daquele ano!

Entrou um professor novo de Educação Física na “Escola Lá” e propôs um trabalho multidisciplinar. O tema Folclore, que no ano anterior Zezinho não tinha descoberto o que era, deixou de ser algo “chato” numa folha de mimiógrafo. Naquele mês todos falavam de Folclore na Escola, liam sobre ele, brincavam com coisas dele...Três sábados foram festivos na “Escola Lá”, os professores de história organizaram, junto com os professores de Educação Artística, um teatro sobre o mito Zumbi. As meninas e meninos da sétima e oitava série pesquisaram sobre danças folclóricas, fizeram murais e apresentações lindas de dança para a “Escola Lá”! Também teve o sábado “Todos brincando”, cujo pais, tios, avós...ensinaram às crianças as brincadeiras do tempo deles!

Na classe a nova “tia” leu trechos do Monteiro Lobato, do livro “O Saci”, e as crianças se entusiasmaram com as histórias ouvidas e vividas por Pedrinho. Naquele dia Zezinho chegou feliz em casa e foi procurar no seu material do ano anterior o Saci que pintara. Que susto não levou quando viu o “seu” saci: era amarelo de olhos verdes! Riu muito e foi mostrar aos pais o “seu” saci loiro de olhos verdes!

Fim

## Escola, Educação Física e Folclore

### 1

*(...) "Volto no tempo menino fieira e pião  
Sonhos embalam no vento a pipa e o balão  
Entre piratas e primas tesouros e medos de assombração.*

### 2

*Eu só sabia que a vida  
Invadia os sentidos regia o coração  
E o sol me aquecia e brilhava  
Em qualquer estação" <sup>38</sup>*

Pensar em uma escola onde “Esse Menino” fique muito bem, feliz e realizado tendo o “sol em qualquer estação”, não é muito fácil no contexto atual. Pensar uma escola feliz não é fácil, entretanto, é preciso lembrar de Georges Snyders:

*“Não é preciso transferir as esperanças para outros lugares (formação voluntária, lazer...); podemos aspirar a uma sociedade melhor com melhores escolas, sem termos que nos resignar com uma sociedade 'sem escola'.” <sup>39</sup>*

Esta escola seria popular e autônoma e o Folclore entraria nela, não como algo pitoresco, mas como “um reflexo das condições de vida cultural do povo”<sup>40</sup>. Lembrando ainda que “Escola popular não significa escola pobre e abandonada”<sup>41</sup>

<sup>38</sup> TOQUINHO e MUTINHO, trecho da música “Esse Menino”, disco Aquarela

<sup>39</sup> G.SNYDERS - “Alunos Felizes” - p.12-13

<sup>40</sup> A. GRAMSCI - “Literatura e Vida Nacional” - p.185

<sup>41</sup> .M. GADOTTI - “Uma só Escola para todos” - p.177

Como se tudo o que fosse “conhecimento” produzido dentro da classe popular trabalhadora, não fosse bom. Por não entenderem o significado de “popular” muitas escolas se fecham:

*"O popular deve ser entendido aqui como algo que se efetua por dentro da própria cultura dominante, ainda que para resistir a ela"*<sup>42</sup>

Dentro da cultura popular entrariam os aspectos folclóricos, que percorreriam os corredores da escola alertando sobre a vida e o contexto sócio-cultural de seus alunos, já que esta escola deverá:

*(...) "ser o local de um sadio pluralismo de idéias, uma escola moderna; uma escola alegre, competente, científica, séria, democrática, crítica e comprometida com a mudança ; uma escola mobilizadora, centro irradiador da cultura popular, à disposição de toda a comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la."*<sup>43</sup>

Nesta escola o folclore será respeitado e compreendido. Patrícia Campos, estudante de Educação Física na Unicamp, natural de Belém, ao ser indagada sobre como aprendera a dançar o Carimbó respondeu: “Nasci sabendo, tá no sangue, tá no pé!” Um professor de Educação Física daquela região não precisará “ensinar” seus alunos a dançarem o Carimbó, mas poderá pesquisar com seus alunos a origem da dança, seu significado, sua importância... Como fez o Grupo de Trabalho Pedagógico da UFPe-UFSM, através do tema “bumba-meu-boi”, em Recife:

*"O significado do bumba-meu-boi foi, para as crianças consistente, pois foi reelaborado por elas, ao invés de ser simplesmente imposto pelos adultos"*<sup>44</sup>

<sup>42</sup> M. GADOTTI op. cit. - p.161

<sup>43</sup> *Idem-ididem* - p.179

<sup>44</sup> Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, “Visão Didática da Educação Física” - p.82

A Educação Física de uma escola “feliz” estaria atenta à riqueza e à alegria fornecida pelo trabalho com a dança folclórica. Tratando a dança folclórica segundo a visão de Paulina Ossana, que para ela é “(...) *uma história dinâmica e condensada da cultura, ao mesmo tempo que um produto cultural da história*”<sup>45</sup>

Nesta escola “feliz” a Educação Física deverá ligar a dança sempre com a expressão dos sentimentos e não exclusivamente com “técnicas”, já que é preciso que os alunos percebam:

*(...) "que os conteúdos da cultura corporal a serem aprendidos na escola devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum".*<sup>46</sup>

Os jogos, as brincadeiras, também deverão ser lembrados pela Educação Física na “escola feliz”, até para resgatarem aspectos que as carteiras escolares, por diversas vezes fazem os alunos esquecerem. Para a escola dar mais espaço às alegrias do presente é preciso dar espaço para as crianças serem crianças<sup>47</sup>. Nada como as aulas de Educação Física, que se utiliza de conteúdos da cultura corporal, para a alegria do jogar, do brincar, já que “o jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato”<sup>48</sup>. Prestando sempre atenção em como o “*propósito/objetivo do jogo acentua-se com o desenvolvimento da criança.*”<sup>49</sup>. Por isso as menores se envolverão muito com jogos de imaginação,

---

<sup>45</sup> P. OSSANA - “A Educação pela Dança” - p.72

<sup>46</sup> Coletivo de Autores - “Metodologia do Ensino de Educação Física” - p.87

<sup>47</sup> G.SNYDERS - op. cit. - p.29

<sup>48</sup> Coletivo de Autores - op. cit. -p.65-66

<sup>49</sup> *Ibidem* - p.66

enquanto as maiores gostarão de jogos com regras bem definidas e desafiadoras! Desafio, palavra sempre presente na ludicidade das maiores ...

Respondendo às necessidades de alegria na escola nada melhor do que uma abertura real para a vida que a cerca:

*"(...) considerando a memória lúdica da comunidade em que o aluno vive e oferecendo-lhe ainda o conhecimento dos jogos das diversas regiões brasileiras e de outros países." <sup>50</sup>*

Jogando a criança preserva sua manifestação lúdica, criativa, expressiva e principalmente significativa. Por isso a Educação Física deve se preocupar com o jogo para a construção de uma escola melhor. Georgers Snyders fala sobre a escola e sua vocação de modo que o jogo pode ser visto nas entrelinhas, sentido nesta proposta:

*"(...) "A vocação da escola é ser uma ponte entre as pessoas e a participação na cultura: local de apropriação cultural, superação rumo à alegria cultural através de certas condições de comunicação, de adaptação e de apoio de pessoa a pessoa." <sup>51</sup>*

Dentro do jogo temos a presença do afetivo, da comunicação prazerosa do Ser com o mundo, da riqueza das "reinações" que o envolvimento através de ações lúdicas permitem.

Quando professores de Educação Física fizeram experiência com jogos na água e conseguiram que os alunos, através do brincar, compreendessem o problema de "deslocar-se na água sem afundar nela", trouxeram para a aula um significado lúdico, afetivo e autônomo <sup>52</sup>. Por que a Educação Física não poderia usar os jogos

<sup>50</sup> *Idem - Ibidem* - p.67

<sup>51</sup> G.SNYDERS - op. cit. - p.90

<sup>52</sup> Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, op.cit. - p.95-100

folclóricos para atingir seus objetivos? Já que o saber produzido e utilizado deve ser construído no seu significado e reelaborado no seu sentido <sup>53</sup>, pelos alunos dessa “escola feliz”.

Vamos terminar esta história de “Escola Feliz”, com uma dança de letras e um jogo de palavras:

*Um poema*

*Às vezes, quando escrevo um poema*

*Desejo fazê-lo tão simples*

*Que corram por todas as bocas :*

*Que choram, que sorriem,*

*Que na verdade buscam ser felizes*

*Que os tristes : nele encontre consolo,*

*Os felizes : o êxtase da alegria !*

*Que fique tão simples, belo*

*E universal, que se torne atemporal...*

*Que passe de boca em boca*

*Levando o perfume da emoção*

*Primeira que o brotou...*

*Quero então que meu poema*

*Seja tradição da alegria,*

*Que se esqueça das letras,*

*Vire canto e “folclorize-se”*

*A cada novo dia.*

*Camila Tenório Cunha*

---

<sup>53</sup> *Idem - Ibidem - p.87*

## BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues - O que é Folclore. 12ª. edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1994
2. \_\_\_\_\_. O que é Educação. 4ª. edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1981
3. CHAUÍ, Marilena. Cultuar ou Cultivar. Revista Teoria e Debate n°.8, outubro, novembro e dezembro.1989
4. COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo. Cortez Editora.1994
5. FERNANDES, Florestan. Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo. 2ª. edição. Petrópolis. Editora Vozes. 1979
6. MARCONDES FILHO, Ciro. Televisão. 1ª. edição. São Paulo. Editora Scipione. 1995
7. GADOTTI, Moacir. Uma Só Escola Para Todos. Caminhos da autonomia escolar. Petrópolis. Editora Vozes. 1990
8. GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM. Visão Didática da Educação Física. 1ª. edição. Rio de Janeiro. Editora Ao Livro Técnico. 1991
9. LOBATO, Monteiro. Histórias de Tia Nastácia. São Paulo. Editora Brasiliense.1965
10. \_\_\_\_\_. O Saci. São Paulo. Editora Brasiliense.1965
11. \_\_\_\_\_. Reinações de Narizinho. São Paulo. Editora Brasiliense.1965
12. OSSANA, Paulina. A Educação pela Dança. São Paulo. Summus Editorial.1984
13. SNYDERS, Georges. Alunos Felizes. São Paulo. Editora Paz e Terra.1993
14. VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo. Ícone Editora.1988